



Olodum: Movimento Social da Música Afro-Brasileira¹

Caroline de Freitas PEREIRA²
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Este trabalho apresenta a relevância da Organização Não-Governamental, também grupo musical conhecido como Olodum, na transformação social, na denúncia racial e na tentativa de construção da imagem positiva da música afro-descendente na Indústria Cultural, provenientes de um povo marcado por conflitos e adaptações que, através da criatividade e da resistência, mantiveram vivos os elementos culturais africanos trazidos ao Brasil através dos escravos em meados do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: olodum; música; movimento social; indústria cultural.

O NEGRO E SEUS DESCENDENTES NA FORMAÇÃO CULTURAL DO BRASIL

Os povos africanos que vieram para o Brasil trouxeram um imenso repertório de saberes, relacionados a técnicas de cultivo, criação de animais, mineração, construção de casas, navegação, religiosidade, filosofia, culturas musicais, tratamento de doenças físicas e mentais, dança, música, divertimentos e culinária, entre outros. Assim, a África nas cidades brasileiras, em contato com as tradições portuguesas e indígenas, criou um cenário propício ao encontro de diversas culturas africanas e fez nascer uma cultura original, diversificada e rica: a cultura afro-brasileira. (FRAGA e ALBUQUERQUE, 2009, p. 9).

Muitos são os significados atribuídos à palavra “Cultura”, e diversas são as culturas que fazem parte do mundo no qual vivemos. Concomitantemente com um grupo social que se forma, ela emerge no momento em que, naturalmente, são estabelecidos costumes, fala, valores morais e éticos, manifestações artísticas e religiosas de um povo. Em geral, a cultura diz respeito à nossa forma de agir, pensar e atuar na sociedade que nos cerca. É onde aprendemos os nossos costumes alimentícios, nossa forma de vestir, de se divertir, de educar, de se relacionar e, inclusive, de lidar com a morte, bem como o sentido o qual damos à vida. A cultura é uma forma de código não escrito que aprendemos ao nascer e repassamos ao longo das nossas histórias. Nesse meio tempo, podemos estabelecer mudanças herdadas, permitindo que valores sejam abandonados e refeitos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Bacharel do Curso de Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade de Fortaleza, Email: carolfreitas4@gmail.com.



Porém, nunca abandonaremos por total os nossos costumes, pois nada escapa à nossa cultura.

É essencial pensar sobre cultura para compreender e dissertar sobre a trajetória das populações africanas no Brasil e a consequência que isso nos trouxe: A formação da nossa sociedade e dos nossos costumes e, como consequência, a nossa própria cultura. A escravidão foi um marco importante para a história do nosso país. Homens, mulheres e crianças foram tirados dos seus locais de origem a fim de serem escravizados no Brasil e, conseqüentemente, conviverem com europeus e populações indígenas. Esse momento marcado por tanta diversidade foi farto de conflitos e adaptações. Deste modo, por estarem em condições de escravidão, os negros e seus descendentes não tinham suas práticas e costumes reconhecidos diante aos seus superiores, o que fez com que eles imprimissem de modo decisivo seus costumes no novo contexto de vida.

Marcado por grandes descobertas e mudanças nas navegações europeias, o século XV deu início às grandes rotas de acesso através do Oceano Atlântico. Do lado do oceano direcionado para a América, os europeus procuravam encontrar terras ricas e, de preferência, não habitadas, para serem exploradas.

O tráfico de escravos promoveu o povoamento do Brasil com negros provenientes de várias regiões do grande continente africano. A metrópole portuguesa adotou a medida de misturar os escravos de diferentes lugares e povos africanos, na intenção de impedir a concentração de negros da mesma origem na colônia: falando línguas diferentes e de culturas distintas, facilmente não ocorreriam rebeliões.

Enquanto durou o tráfico, áreas importadoras como Rio de Janeiro, Salvador, Pernambuco e São Paulo foram abastecidas desses negros com uma imensas bagagem cultural e marcas de sofrimento.

Essas criações culturais, essas crenças misturadas, esses dialetos criados no Brasil, acompanhavam laços sociais que os africanos desenvolviam na situação do cativo, nessa terra a qual tinham de se adaptar. O mais comum era buscarem se aproximar dos que lhes eram mais familiares, vindos da mesma região, praticantes de tradições parecidas. (SOUZA, 2007, p. 91).

O fato de morar numa mesma região, falar a mesma língua e pertencer à mesma nação foi fundamental para a sobrevivência de africanos no Brasil. Assim, puderam reconstituir laços de amizade, construir famílias e comunidades. Porém isso não impedia que africanos vindos de lugares diferentes criassem novas alianças. As adversidades da escravidão favoreciam a união de diferentes povos antes divididos na África por adversidades.



O português falado pelos senhores, que os africanos tinham de aprender para obedecer às ordens de sobrevivência, também servia para aqueles que falavam diferentes línguas se entenderem entre si. Assim pessoas de um mesmo grupo linguístico criavam línguas novas, resultantes de combinações de dialetos africanos e também com o português. Logo, africanos vindos de diferentes regiões emprestavam uns aos outros crenças e ritos religiosos, lendas, conhecimentos práticos e iam formando uma cultura africana no Brasil diferente das que existiam no seu continente, pois misturavam elementos dos seus diferentes países africanos.

Por meio dos africanos, os portugueses puderam colonizar o que mais tarde passaria a se chamar Brasil. Sem a participação dos negros, dificilmente teriam conseguido ocupar as terras descobertas no processo de expansão marítima.

Os negros africanos foram atores culturais que influenciaram na forma de viver e de sentir das populações com quem passaram a interagir. Foram trazidos para trabalhar e servir nas grandes plantações e nas cidades, mas fizeram muito mais que plantar, explorar as minas e produzir riquezas. Tiveram um papel civilizador, foram criadores ativos, e transmitiam à sociedade elementos valiosos de sua cultura.

Por mais de trezentos anos, a maior parte da riqueza produzida no Brasil foi fruto da exploração do trabalho escravo. Por tal feito, o número de cativos foi sempre representativo no conjunto da população brasileira, onde em algumas partes dos país, a quantidade de escravos chegava a superar o número de pessoas livres.

A escravidão significou, também, domínio cultural. Uma vez que os colonizadores fizeram de tudo para obrigar os africanos a esquecer seu passado, suas referências religiosas, familiares, seus costumes e sua maneira de viver e pensar. A intenção era, sobretudo, apagar a lembrança da condição de liberdade na África, e nisso estava o aspecto mais dramático e violento da escravidão, pois tudo o que os africanos tinham aprendido e vivenciado em sua terra, na sua cultura, passou a ser extremamente reprimido.

No entanto, os negros e seus descendentes resistiram a esse processo e mantiveram, da forma que lhes cabiam, vivas as memórias do seu país de origem. No Brasil, elementos culturais africanos misturavam-se com elementos da cultura das populações indígenas e de origem europeia. Com o tempo, até o colonizadores terminaram incorporando referências africanas em seu modo de viver e sentir.

Ao chegar à fazenda, os africanos começavam a aprender com os escravos mais antigos os rudimentos da língua portuguesa: Aquilo que era necessário para obedecer às ordens



dos seus senhores e feitores. Mas, com o tempo, os africanos e seus descendentes foram alargando o conhecimento da língua e introduzindo novas palavras e novas entonações ao português falado no Brasil, o que foi muito importante para o enriquecimento da língua com palavras e expressões próprias como *denngo*, *caçula*, *mulambo*, *mandinga*, *moleque*, *caçamba*, *banzo*, *bunda*, *cachimbo*, *samba* e outras mais, que são de origem africanas e foram incorporadas ao português do Brasil.

A culinária brasileira incorporou dos africanos o azeite de dendê, a pimenta malagueta e o quiabo. Os afro-brasileiros fizeram, também, invenções que mais tarde ficaram conhecidas na culinária nacional.

Muitos pratos foram desenvolvidos pela cultura afro-brasileira e continuam presentes na culinária da Bahia e do Brasil. O famoso acarajé, o vatapá, o caruru, o abará e as deliciosas moquecas são uns dos fatores que provam que a cultura negra está sempre presente nos hábitos alimentares do país que acolheu os costumes africanos.

Cultura também diz respeito às formas como os indivíduos e os grupos sociais estabelecem relações, constroem e mantêm vínculos. Daí ser importante pensarmos as instituições religiosas também como lugares de cultura, ou seja, espaços em que são estabelecidas normas de comportamento, formas de solidariedade e de concepções de mundo. (FRAGA e ALBUQUERQUE, 2009, p. 47).

Ao chegarem ao Brasil, os africanos eram batizados logo ao desembarcarem dos navios negreiros, onde muitos já recebiam seus nomes cristãos como João, Maria, José etc. O ensino do catolicismo a todo africano escravizado era de responsabilidade dos senhores, que cuidavam de reforçar os ensinamentos da Igreja. Porém, esses atos de imposição não deram os resultados desejados pelos senhores e pelos padres. A adesão dos africanos era apenas superficial; no máximo decoravam algumas orações para se verem livres da obrigação religiosa para com o catolicismo. A adoção da religião, principalmente os cultos dos santos e santas, dera-se por escolhas feitas pelos próprios africanos de acordo com suas referências religiosas do seu país de origem.

O negro dotou a religião dos portugueses de ingredientes de tradições religiosas africanas, especialmente música e dança. Era um catolicismo cheio de festas, de muita comida e bebida, de intimidades com santos, tal qual a relação dos africanos com seus orixás, voduns e outras divindades. As promessas de santos, pagas com comidas, tinham função semelhante à das oferendas que acompanhavam pedidos feitos aos deuses e outras entidades espirituais africanas. Ainda hoje, a muitos santos católicos são oferecidas comidas, roupas e bebidas – é o caso dos santos gêmeos Cosme e Damião –



como forma de retribuir graças alcançadas, tais quais restabelecimento de alguma doença ou a concretização de promessas.

Foi através desses elementos expostos acima que os negros formaram uma identidade de luta pela manutenção e respeito à sua cultura e às suas origens, porém a luta estava apenas a começar.

RESISTÊNCIA NEGRA E A IDEIA DE LIBERDADE NO BRASIL

Ao longo da escravidão, os africanos eram excluídos da participação nas instituições políticas do Brasil. Após a Independência, a Constituição do Império, promulgada em 1824, incluía entre os cidadãos brasileiros apenas os negros libertos nascidos no país, o que significava que os libertos africanos continuariam estrangeiros e precisavam conseguir títulos de naturalização para gozar de alguns direitos de cidadania. Mesmo os libertos brasileiros sofriam restrições no exercício dos direitos políticos, sendo proibidos de serem eleitos para cargos como deputados, senadores e membros das assembleias provinciais. Se comprovassem renda estipulada, podiam votar. Porém, nunca se eleger. Entretanto, ainda com essa dificuldade, os africanos e seus descendentes influenciaram os rumos da história do Brasil. Ao resistir à escravidão, a população negra estava contribuindo ao fortalecimento da ideia de liberdade e de cidadania do país.

As sociedades escravistas nas Américas foram marcadas pela rebeldia escrava. Onde quer que o trabalho escravo tenha predominado, senhores e governantes foram regularmente surpreendidos com a resistência de índios, africanos e crioulos. No Brasil, tal resistência assumiu diversas formas. A desobediência sistemática, a lentidão na execução das tarefas, a sabotagem da produção e as fugas individuais ou coletivas foram algumas delas. Fugir estava sempre entre os planos dos escravos. (BRAGA e ALBUQUERQUE, 2009, p. 66).

Castigos, trabalhos excessivos, pouco tempo para o lazer, desagregação familiar, maus tratos e desejo de liberdade eram alguns dos motivos pelos quais africanos e descendentes fugiam dos seus senhores. Por vezes, realizavam as chamadas fugas reivindicatórias, que se caracterizavam por ausências temporárias para pressionar os senhor a negociar melhores condições de trabalhos, moradia e alimentação, para convencê-lo a dispensar determinado feitor, a manter na fazenda seus familiares, cumprir acordos, ou até para pressionar sua venda para outro senhor se isto implicasse melhores condições de vida. Com essas fugas, o escravo comprometia a produção e colocava em xeque a autoridade do seu senhor, trazendo prejuízos econômicos e colocando limite à dominação senhorial.

Porém, nem sempre que fugiam, os escravos voltavam ao cativeiro. Em todo lugar a liberdade era a principal aspiração de quem vivia a dolorosa experiência de ser um



escravo. Homens e mulheres desejavam verem-se livres, isentos do controle e da subordinação, de qualquer senhor. Fugir era uma estratégia de luta desde que os primeiros tumbeiros aportaram na costa brasileira até as vésperas da abolição.

Com o fim do tráfico africano, em 1850, e depois de muito sangue derramado nas lutas escravistas a favor de liberdade e respeito, a resistência escrava foi tomando outras formas. Conseqüentemente, a população africana começou a diminuir, aumentando a crioula, ou seja, a maioria dos escravos já era nascida no Brasil.

Enquanto surgiam alguns intelectuais que discursavam em prol da liberdade do negro no Brasil, os próprios escravos se movimentavam nas senzalas. Ao longo das décadas de 1870 e 1880, os conflitos se intensificaram tendo, muitas vezes, desfechos violentos e tristes. Em alguns destes, o escravo acabava por matar seus senhores, virando manchete principal nos jornais, o que fazia com o que o pânico entre a população aumentasse, juntamente com a repressão policial sobre os negros.

Nas últimas duas décadas de escravidão, as fugas em direção às cidades aumentavam, pois além do apoio das entidades abolicionistas, os fugitivos podiam contar com a ajuda de outros escravos e libertos. A grande quantidade de negros nas ruas dificultava a ação da polícia na localização dos fugitivos.

Depois de 1885, as fugas coletivas sucederam em várias regiões do país. Em muitas ocasiões, fugiam grupos de dez, vinte ou mais negros de uma mesma propriedade sem que os senhores pudessem impedir. Essas fugas coletivas, são consideradas o maior movimento de desobediência civil da nossa história. Nos anos que antecederam a abolição da escravatura, a polícia havia perdido o controle diante do volume de fugas, se recusando a perseguir escravos fugidos, ou por terem aderido ao abolicionismo, ou por medo das reações populares nas ruas.

Diante desse quadro de tensões crescentes, a princesa Isabel promulgou a Lei de 13 de maio de 1888, a Lei Áurea, que extinguiu em definitivo a escravidão no Brasil. Com dois artigos apenas, a lei colocava fim numa instituição de mais de três séculos. Por ela os senhores não seriam indenizados nem se cogitou qualquer forma de reparação aos ex-escravos. Mas a escravidão foi extinta no auge de um movimento popular de grandes proporções. (FRAGA e ALBUQUERQUE, 2009, p. 28).

No curso da luta contra escravidão, surgiram esperanças que iam além do cativo. Para os ex-escravos, liberdade significava acesso a terra, direito de frequentar escolas, de escolher seus trabalhos, circular livremente pelas cidades sem precisar de autorização ou sem serem importunados pelas autoridades públicas, de cultuar seus deuses africanos e



venerar, à sua maneira, os santos católicos, a sua música de raiz, de não serem mais tratados como cativos, e, sobretudo, de ter direito à cidadania.

A INDÚSTRIA CULTURAL E A NEGAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Segundo Teixeira Coelho (p. 28), a Indústria Cultural, termo criado pelos sociólogos Theodor Adorno e Max Horkheimer, na década de 1940, membros da Escola de Frankfurt, é a definição das análises sobre a produção e a função da cultura no capitalismo. Essa Indústria produzida para a massa, trabalha para que o mundo seja ordenado de modo em que ela sugere, impedindo a formação de indivíduos autônomos e independentes, capazes de criar, julgar e decidir.

A cultura de massa promove o conformismo e fabrica seus produtos, cuja finalidade é a de serem trocadas por dinheiro, bem como deturpa e a degrada o gosto popular e torna os seus produtos cada vez mais simplórios. Nesse processo, o indivíduo é levado a não pensar sobre si mesmo e sobre o meio social que o circunda, onde consumir o que todo o resto consome se torna inteligente e necessário.

O escutado não tem consequências para ele que pode apenas acenar com a cabeça para que o soltem, porém tarde demais: os companheiros, que não podem escutar, sabem apenas do perigo do canto, não da sua beleza, e deixam-no atado ao mastro para salvar a ele e a si próprios. Eles reproduzem a vida do opressor ao mesmo tempo que a sua própria vida e ele não pode mais fugir a seu papel social. Os vínculos pelos quais ele é irrevogavelmente acorrentado à práxis ao mesmo tempo guardam as sereias à distância da práxis: sua tentação é neutralizada em puro objeto de contemplação, em arte. O acorrentado assiste a um concerto escutando imóvel, como fará o público de um concerto, e seu grito apaixonado pela liberação perde-se num aplauso. Assim o prazer artístico e o trabalho manual se separam na despedida do antemundo. A epopeia já contém a teoria correta. Os bens culturais estão em exata correlação com o trabalho comandado e os dois se fundamentam na inelutável coação à dominação social sobre a natureza. (ADORNO, Teodor; HORKHEIMER, Max, 1947).

A comunicação de massa e os meios de comunicação de massa pressupõem a existência de uma sociedade onde exista o consumo de massa. Porém, no Brasil, a divisão de renda é tal, que apenas uma pequena parcela da população pode consumir. Exposto esse fato, podemos concluir que a Indústria Cultural do Brasil produz, então, diretamente para a pequena parcela da população capaz de consumir os seus produtos. Cabe ao resto consumir simbolicamente aqueles produtos dirigidos à pequena minoria.

Fruto da sociedade industrializada, a Indústria Cultural é a oposição da cultura popular, que é compreendida como a soma dos valores antigos e novos de uma sociedade. No Brasil, a Indústria Cultural está marcada com temas, assuntos e culturas estrangeiras, particularmente a norte-americana. No rádio, músicas estrangeiras; na TV, os enlatados;



no cinema, filmes que fazem sucesso em Hollywood; no impresso, temas que envolvem o exterior tem a maior facilidade de tomarem destaques que às vezes são negados às problemáticas próprio país.

Isso posto, resta clara a dificuldade especialmente do Brasil, em divulgar a sua cultura de base, proveniente da classe econômica menos favorecida, que não possui meios necessários para chegar a influenciar imediatamente a cultura de massa, e expor os seus trabalhos artísticos ligados ao cerne da cultura brasileira.

Outro traço da Indústria Cultural brasileira a ser destacado, é que ela instaurou-se não propriamente eliminando a cultura popular, mas sobrepondo-se a ela, que é frequentemente tecida sobre o grotesco. Como a Indústria Cultural precisa vender para a obtenção de capital, os espaços midiáticos cedidos para a cultura popular são utilizados com programas que dão audiência, independente de qual seja o seu cunho cultural.

Assim, como se assume do ponto de vista da cultura que traduz a realidade da maioria do povo – que é inegavelmente a regional ou urbana mais ligada ao gosto e às expectativas das camadas pobres -, essa dupla dominação mostra o impacto de uma agressão insuportável. É que a cultura realmente representativa da realidade do país como um todo – que são as culturas de gente pobre, sem oportunidade de escola e sem recursos – tem de enfrentar não apenas a concorrência da cultura de elite (teatro, shows, conservatórios etc), como também a da classe média que, enquanto consumidora de produtos da Indústria Cultural (ligada a modelos estéticos importados), se identifica mais com as elites do que com o povo, o que lhe garante maior espaço nos meios de divulgação.

Nota-se, então, que como a cultura de massa dita para a minoria brasileira o que é cultura, de acordo com as suas influências estrangeiras, a população incapaz de criticar, criar e agir, segue as tendências dessa minoria, que tem uma clara preferência em consumir incessantemente o que não faz parte da criação cultural do seu país.

A produção cultural proveniente do Brasil está em constante luta, em busca de espaço nas mídias e de reconhecimento por parte do seu povo, que resiste, em meio a preconceitos e prepotência, em vangloriar o que vem de fora por ser exclusivo da minoria.

E acompanhando essa luta por visibilidade, é que a cultura negra do Brasil se esforça para fazer parte da produção cultural do país, através de artes plásticas, teatro, dança, música etc. O Olodum, tema abordado nesse estudo, é um instrumento de luta dessa raça discutida ao longo do trabalho.



OLODUM COMO SOCIALIZADOR DO NEGRO NO BRASIL E A SUA TENTATIVA DE PROJETAR A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Muitos dos projetos de inclusão social desenvolvidos nas grandes cidades brasileiras tem como apoio a música. O Olodum é um bloco-afro criado em 1979, na época carnavalesca, como opção de lazer aos moradores do Pelourinho. Transformou-se, ao longo dos anos, em uma organização múltipla e respeitada internacionalmente, envolvida em diversas áreas da cultura, e desenvolvendo bem-sucedidos projetos políticos e sociais em benefício especialmente dos moradores da comunidade baiana.

No contexto em que o bloco-afro foi fundado, em um dos centros históricos mais ricos do Brasil, o Pelourinho era reduto de prostituição e marginalidade – alternativas facilmente encontradas por homens e mulheres, negros e brancos, que ali residiam, e ainda não avistavam, em meio ao preconceito e à falta de iniciativas governamentais, outras formas de sobrevivência.

Na transição da década de 70 para a década de 80, conhecida como década perdida, o Brasil vivia um forte período de estagnação econômica, que gerou alto índice de desemprego e inflação elevada. A televisão e o rádio eram os principais meios de comunicação, utilizados, em sua maioria, como entretenimento da cultura de massa, onde uma minoria tinha condição de possuir aparelho televisor ou transmissor de rádio.

Em meio à pobreza vivida no Pelourinho, o Olodum surge com o intuito de chamar atenção para a degradação do centro histórico de Salvador e para divulgar sua música, sua dança e seus costumes, que levam para as ruas a luta contra o preconceito e a injustiça racial sofrida pelos negros ao longo dessa caminhada traçada nesse estudo. Eles lutam, então, para demonstrar que existe uma cultura do cerne da história do Brasil, mesmo proveniente da África, cresceu e se desenvolveu neste país.

Povo trazido do seio da África / Fez o Pelourinho virar páginas / Trouxeram o primeiro, o segundo e o terceiro / E foram tantas cabeças que eu nem sei contar / Ding ding ding ô... Ding ding ding à / Ding ding ding ô... Ding ding ding à / Espalharam o negro no mundo inteiro / Para, para, para de me enganar / Para, para, para de nos enganar / Pelourinho, Pelô / Pelô, Pelô, Pelourinho / Pelourinho, povo, sofrimento sempre / Crianças descalças morando nos becos / [...] / Sofrimento sempre, vai Olodum, ensina esse povo a lutar / Com seu canto, forte Olodum, esses guetos precisam acabar / Mostrar as armas, pois lutar é preciso, a mentira vai ter que morrer / E o fim da fome que destrói a esperança qualquer dia vai acontecer / [...] (Lutar é preciso. Composição de Caj Cartão).

Analisando-se a música acima, chamada “*Lutar é preciso*”, o Olodum se coloca como fonte de força àqueles que passam por situações difíceis no Pelourinho, como crianças que já nasceram predestinadas a morar em becos, em meio à miséria, porém, que aos



poucos, acompanham o Olodum na transformação daquela comunidade esperançosa que passa fome em um país tão desigual.

Após o carnaval, ações como seminários e exibições de filmes com temáticas raciais e sociais foram desenvolvidas para prestar auxílio à comunidade. Essas medidas tomadas por seus líderes fizeram com que o Olodum se transformasse em uma ONG que pretende mostrar ao mundo mais do que suas mazelas sociais, mas a força e o valor que a cultura afro-brasileira tem, para que, quem sabe livre de preconceitos, haja um reconhecimento da arte afro-brasileira.

No trabalho de desenvolver ações de combate à discriminação social, a ONG estimula a auto-estima e o orgulho dos afro-brasileiros e defende a luta para assegurar os direitos civis e humanos das pessoas marginalizadas. É o que podemos ver na letra da música “*Avisa lá*”, onde a banda exalta a beleza do Olodum, bem como a beleza da Bahia aos olhos de ricos e de estrangeiros, que traz o reconhecimento da banda-afro e, em consequência, de um povo marcado pelas lutas sociais para se afirmar no contexto do Brasil e de uma sociedade como um todo.

Avisa lá / Que eu vou chegar mais tarde / Oh yeah! / Vou me juntar ao Olodum / Que é da Alegria / É denominado de vulcão / O estampido ecoou / Os quatros cantos do mundo / Em menos de um minuto / Em segundos / Nossa gente é quem bendiz / É quem mais dança / O gringos se afinavam na folia / Os deuses igualando / Todo encanto, toda dança / Rataplã dos tambores gratificam / Quem fica não pensa em voltar / Afeição à primeira vista / O beijo, o batom / Que não vai mais soltar / A expressão do rosto identifica. (Avisa lá – Composição de Roque Carvalho).

Dentre suas diversas atividades, destaca-se, também, o Bando de Teatro Olodum, criado em 1990, constituído eminentemente por atores negros, formou grandes nomes no cenário nacional, tal como Lázaro Ramos, atualmente reconhecido como um dos melhores atores do Brasil.

Uma outra contribuição da entidade musical é a Escola Olodum, que tem como missão o desenvolvimento da cidadania e educação de crianças, oferecendo um saber afro-brasileiro, e novas formas de conhecimentos, além do básico, adquirido no sistema formal de ensino. Atende crianças e adolescentes sem perspectivas, que crescem em meio à pobreza e ao estigma marginal das comunidades carentes, encontrando na arte uma forma de amenizar o peso social que carregam consigo.

As encostas vão caindo / Tudo desabando / E o povo vai morrendo / E ninguém esta ligando / Inscrição para trabalho / Em algum órgão público / Você paga a sua taxa / E eles comem tudo / Mas que país esse estou entregue as feras / Ninguém resolveu o caso dos sem terras / E esse bombardeio de regiões / O país já esqueceu daquele sete anões / Mas que mundo é esse / É um mundo cão /



Você paga seus impostos / E não vê solução / Por isso povo brasileiro vamos protestar / De uma forma correta, sem violência / Vendo a pessoa certa / Pra você votar / Eu quero mais saúde, mais educação / Mais divisão de renda, mais alimentação / Vamos clamar por já / [...] (Mundo Cão – Composição de Reni Veneno).

Como podemos analisar na música “*Mundo Cão*”, o Olodum protesta contra o mau funcionamento do governo brasileiro, que, ao se omitir à realidade enfrentada pelo seu povo, contribui ainda mais com a desigualdade e o preconceito aqui existentes. Clama-se pela mobilização popular e conscientização de que temos direitos e devemos nos sentir responsáveis por quem colocamos como nossos representantes políticos. Demonstra-se, assim, mais uma vez, seu viés ideológico, onde se fomenta a luta por mudanças sociais sem, para tanto, utilizar-se de violência, mas sim através da consciência político-democrática.

É através da denúncia das problemáticas que envolvem a sua comunidade, juntamente com o desejo de modificar o contexto social dos seus moradores – por meio da educação e da conscientização -, que o Olodum segue como organização não governamental proveniente da música brasileira, carregando em si grandes conquistas sociais.

O que antes era alvo de preconceito e discriminação, hoje é visto como rico patrimônio cultural do nosso país, recebendo visitas e apoios nacionais e internacionais, reconhecido no âmbito musical e social como agente modificador da cruel realidade que assolava a população do Pelourinho, na cidade de São Salvador.

Na letra “*Ideologia*”, o Olodum canta sua vitória por possuir um motivo forte e verdadeiro que resultou, ao longo do tempo, em mudanças conquistadas que acarretam em um bom desenvolvimento social e político do país como um todo.

Eu não sou o primeiro / Mas sou pioneiro / Na clareza de um trabalho / Forte e verdadeiro / O Olodum está aí / E não vai desistir / Levando avante a sua luta / Pra não dividir / Competência adquirida / Ao longo do tempo / Solidário a sua raça / Em todos os momentos / A ideologia é unificar / Se temos tantas coisas / Para conquistar. (Ideologia – Composição de Jaupery e Pierre Onassis).

A luta do Olodum, bem como a luta afro-descendente, busca igualdade de reconhecimento entre as raças. Não só respeito, mas inclusão. O histórico do negro no Brasil mostra que a exclusão gradativa resulta, hoje, na divisão, não só de raças e de renda, mas cultural. Através do reconhecimento da produção cultural afro-descendente do Brasil surge a alternativa de igualdade de raças, pois o homem negro deixa de ser apenas força braçal, e, conseqüentemente, produz sua fonte de renda através do seu intelecto, com a sua arte, o que gera respeito e igualdade entre as raças.



A dificuldade apresentada para a ação citada acima se dá por falta de espaço midiático para a propagação da cultura proveniente do Brasil. Muitos canais já disponibilizam de conteúdos educativos e culturais, porém, a população, incapaz de buscar programas alternativos, ainda prefere assistir aos canais de músicas e programas internacionais.

Como não é rentável fazer um programa que demonstre a cultura afro-brasileira, as grandes emissoras escolhem o lado forte da moeda, o da Indústria Cultural, e moldam a programação de acordo com a audiência, explorando a cultura afro apenas em casos específicos, como, por exemplo, no Carnaval.

Dessa forma, os investimentos culturais governamentais, bem como os investimentos públicos, patrocínios e afins são direcionados àqueles que estão sempre nas telas, independente do conteúdo do programa; Assim geram mais dinheiro para os canais de comunicação. De modo que fica cada vez mais difícil encontrar produções culturais afro-descendentes nos grandes canais de televisão, sendo oferecidas ao grande público brasileiro. Isso resulta na falta de informação sobre a produção cultural em questão e, como consequência, no atestamento do preconceito para com a cultura de raiz afro-brasileira. Vale ressaltar que o preconceito em questão vai além de gostar ou não gostar do conteúdo discutido; mas sim de não abrir espaços midiáticos para tal, dando espaços para produtor da Indústria Cultural que, na maioria das vezes, reproduz o conteúdo vindo dos demais países.

É na luta por espaço e reconhecimento que o Olodum busca fazer da sua arte um movimento social capaz de transformar a realidade daqueles que vivem em condições inferiores, de desigualdade e preconceito nas favelas e guetos do Brasil.

O mesmo negro que serviu aos senhores de engenho na colonização do nosso país e foi usado para povoamento quando aqui residiam apenas os indígenas, que construiu as grandes cidades do Brasil e, depois de libertos, serviu como trabalhador braçal, pela sua resistência e força, foi o negro que subiu às favelas, por falta de oportunidade e reconhecimento, e foi entregue à realidade hostil oferecida pelo nosso país ao longo dos anos.

Como resta provado neste estudo, é notória a luta afro-brasileira por reconhecimento sócio-cultural, desde a chegada dos navios negreiros até o século XXI, pela afirmação de uma cultura miscigenada, rica em belas tradições de enfrentamento, resistência, diferenças, denúncias, festejos e religiosidades. As raízes culturais brasileiras estiveram em contínua transformação durante todo esse período histórico, onde lutava contra a indústria cultural, que impunha o importado como o melhor produto a ser consumido.



Porém, essa luta não acaba aqui. Com o passar dos anos vão surgindo novas questões pelas quais lutar e novos representantes da cultura afro-brasileira, a fim de demonstrar o que o país, por muito tempo, tentou apagar em vão. A resistência é marca forte do povo em questão.

Através dessa análise foi possível compreender que a riqueza da cultura popular brasileira está presente, também, nas mãos, na voz e nos passos dessa gente, que busca incessantemente pelo ideal de igualdade social e para mostrar ao Brasil e ao resto do mundo seus grandes artistas, que fazem parte, também, do que chamamos de cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

AFROREGGAE, Grupo Cultural. **Grupo Cultural Afroreggae**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.afroreggae.org.br/>>. Acesso em 06 dez. 2010.

ALBERTI, Verena. **Histórias do movimento negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

CAROSO, Carlos; BARCELAR, Jeferson. **Faces da tradição afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FAUSTINO, Oswaldo. **Nei Lopes**. Rio de Janeiro: Selo Negro, 2009.

FRAGA, Walter; ALBUQUERQUE, Wlamyra R de. **Uma história da cultura afro-brasileira**. São Paulo: Moderna, 2009.

LOPES, Nei. **O samba na sala de aula e a defesa do patrimônio cultural nacional**. Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: <<http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-232.htm>>. Acesso em 06 dez. 2010.

_____. **A presença africana na música popular brasileira**. Uberlândia, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/_temp/sites/000/6/download/brasil/artigo-musica-01.pdf>. Acesso em 15 nov. 2010.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2009.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.



SANTOS, Gevanilda Gomes. **Relações raciais e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Summus, 2009.

SOUZA, Marina de Melo e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2007.

TINHORÃO, José Ramos. **A história social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.